Ocupação territorial e rede urbana no Paraná "tradicional" e a cidade de Guarapuava

Formación territorial y red urbana en Paraná "tradicional" y la ciudad de Guarapuava

Formation and urban network in "traditional" Paraná and the city of Guarapuava

Vinícius Polzin Druciaki
Doutorando em Geografia – Unesp / Rio Claro-SP
Prof. do Curso de Geografia da UEG / UnU de Goiás
geomobilidade@gmail.com

Resumo

O estado do Paraná teve seu processo de ocupação de forma lenta e descontinua. Segundo Padis (2006), ao considerar a historia de ocupação territorial, ciclos econômicos e aspectos culturais, existem "três paranás": Tradicional, Norte e Oeste. Desses, optamos em discutir o Paraná Tradicional, que é a parte territorial mais antiga do estado. Das múltiplas possibilidades analíticas desse espaço, elegemos a rede urbana como variável, afim de entender o processo de formação espacial a partir das relações entre as cidades. Conforme o ultimo estudo sobre Região de Influência das Cidades (REGIC), de 2008, ao contrapor com outras fontes de cunho socioeconômica e histórica, nota-se o quanto a rede urbana desse espaço é ainda extremamente dependente de Curitiba, e pouco articulada entre alguns pontos. Um dos exemplos tem-se a partir de Guarapuava, que constitui no Paraná Tradicional, uma das cidades mais recentes, e que articula o centro sul do Estado, cujo espaço apresenta índices muito baixos de desenvolvimento econômico e social.

Palavras- chave: Paraná Tradicional, Rede urbana, Guarapuava, Cidades.

Resumen

El estado del Paraná tuvo un despacio y discontinuo proceso de ocupación. Según Padis (2006), al investigar la historia de formación territorial, los ciclos económicos y los aspectos culturales, hay "tres paranás": Tradicional, Norte y Oeste. De estos, elegimos discutir el Paraná tradicional, ubicada la parte territorial más antigua del Estado. Existen varias posibilidades analíticas de este espacio, sin enbargo, se optó por la red urbana como variable con el fin de comprender el proceso de formación espacial a partir de las relaciones entre ciudades. Según lo mas recente trabajo de Región de Influencia de las Ciudades (REGIC, 2008), y su relación con otras fuentes de carácter socioeconómico e histórico, nos damos cuenta del cuanto la red urbana de este espacio sigue siendo demasiadamente dependiente de Curitiba, y poco articulada entre muchas ciudades. Un ejemplo ha sido desde Guarapuava, que en Paraná Tradicional es una recente ciudad, que articula el centro sur del estado, cuyo espacio tiene niveles muy bajos de desarrollo económico y social.

Palabras claves: Paraná Tradicional, Red Urbana, Guarapuava, Ciudades

Abstract

People started settling in the state of Paraná in a slow and discontinuous process. Padis (2006), when considering the history of territorial occupation, economic cycles and cultural aspects, there are " three Paranás " : Traditional , North and West . Among these, we chose to discuss the Traditional Paraná, which is the oldest part of the state. Despite the various analytical possibilities of this space, we chose the urban network as a variable to understand the process of spatial formation and the relations among cities. According to the former study about Region of Influence of Cities (REGIC, 2008), when contrasting it with other sources of socioeconomic and historical nature, it is perceived that this specific urban network is still extremely dependent of Curitiba, and weakly articulated between some points. For instance, Guarapuava, takes part of "Traditional Paraná", is one of the newest cities and articulates the south center of the state, whose space shows very low levels of economic and social development.

Keywords: Tradicional Paraná, Urban network, Guarapuava, Cities.

Introdução

Ao observar o estado do Paraná, nota-se que uma das características mais evidentes é a sua ampla heterogeneidade, sendo representado por aspectos que vão da natureza física até aqueles de natureza humana. Todavia, o que é notório no processo histórico de formação territorial do Paraná, bem como a dinâmica regional, é a distinção

entre os espaços do chamado "Paraná Tradicional", "Norte Paranaense", e "Oeste Paranaense". A distinção entre os "três paranás", propõe a priori uma visão ampla e genérica do espaço paranaense. Contudo, reúnem elementos comuns que caracterizam três espaços distintos. Desses, o "Paraná Tradicional" é a parte que compreende em sentido leste – oeste, a região litorânea até o centro sul do estado, sendo os campos de Guarapuava e Palmas (mapa 1).

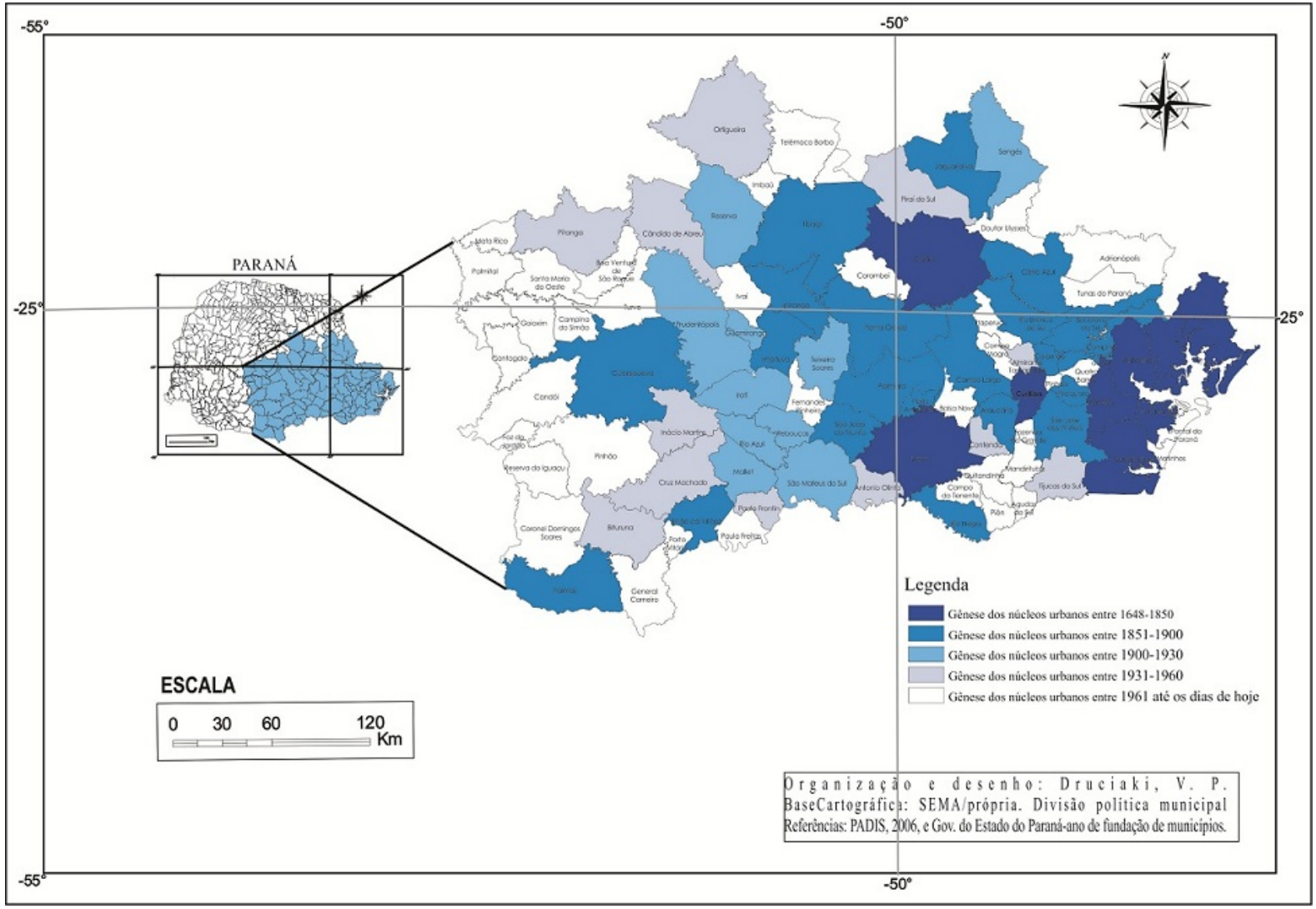
A proposta do autor supracitado baseou-se nos critérios históricos, econômicos e culturais de formação do território paranaense. Dessa forma, temos como escopo trazer elementos do espaço conhecido como Paraná Tradicional, cujo adjetivo denota o espaço do estado do Paraná mais antigo no que tange a formação de um conjunto de centros funcionalmente articulados no espaço geográfico (CORRÊA, 1989). Compondo esse espaço, tem-se Guarapuava que, atualmente é o principal polo regional do centro sul paranaense, cujas características urbano-regionais são herança de uma sociedade patriarcal e campeira, baseada no grande latifúndio ainda dos extintos ciclos econômicos da madeira e da erva mate[1].

Atreladas as especificidades de cada ciclo econômico do Paraná, as cidades surgiram por diversas iniciativas e finalidades. Isso configurou arranjos espaciais na medida em que foi tendo crescimento populacional, espacial e econômico. A economia sempre foi o fator propulsor e condicionante da sociedade, existindo dessa maneira uma relação intrínseca em que a economia influenciou muito a mobilidade espacial, seja de pessoas, capital ou informações, ou seja, as interações espaciais (CORRÊA, 1997).

Como pode ser observado em Mapa 1, é possível compreendermos a espacialização no território paranaense dos principais núcleos urbanos do Paraná Tradicional que posteriormente tornaram-se cidades[2].

[1] Ainda são atividades muito presentes na composição do PIB regional, muito embora não se configurem mais enquanto ciclo, ou segmento principal da economia.

[2] A espacialização expressada aqui se refere ao período em que as cidades se tornaram efetivamente sedes de município, e não necessariamente ao surgimento de um aglomerado urbano e uma organização coletiva nesses espaços. No entanto esses dados aproximam da realidade no que se refere a evolução e afirmação das cidades no território paranaense, bem como essas foram criando vínculos.



Mapa1: Evolução dos municípios da rede urbana sul - paranaense.
Fonte: Padis, (2006); Governo do estado do Paraná.
Elaboração: Druciaki, V.P.

Juntamente com as cidades, devem-se levar em conta as estradas, que ao serem objetos técnicos estruturadores do espaço, constituem um elemento que propiciou a integração no mesmo. No Estado do Paraná as estradas surgiram ao passo em que as ocupações se efetivaram em alguma área do referido espaço (RONCÁGLIO, 1996).

Desse modo, elegemos nesse artigo o espaço do Paraná Tradicional com enfoque em Guarapuava e sua região de influencia, cuja abrangência revelam vínculos de uma rede urbana, mesmo que a intensidade dos mesmos não sejam tão expressivas se comparado a outros polos regionais do estado. Isso nos permitiu uma breve leitura da dinâmica entre os aglomerados urbanos componentes do espaço em questão.

Essa abordagem apresenta uma metodologia de cunho documental e teórico. Nesse sentido, recorremos a um primeiro momento aos fatores históricos de ocupação do território paranaense que, atrelados aos ciclos econômicos foram configurando a disposição e a articulação entre os aglomerados urbanos. Do mesmo modo, trazemos a formação da rede de cidades, que, não obstante, foi se configurando enquanto rede urbana devido aos aspectos funcionais do fato urbano.

Diante disso, o estudo publicado por Região (2008), intitulado Região de Influencia das Cidades foi imprescindível para a abordagem e caracterização da rede urbana do recorte espacial proposto. Alem disso, foram de igual relevância os levantamentos dos arranjos locais das cidades feitos pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Social-IPARDES.

Frisamos também, que existem vários tipos de redes sobrepostas no espaço, representando múltiplas naturezas e escalas de atuação, tais como as redes técnicas, sociais, e urbanas (DIAS, 2005). Dessas, discutiremos apenas aspectos da rede urbana. Mesmo reconhecendo a complexidade de conteúdos apenas desse tipo de rede, por apresentar muitas variáveis que a caracterizam, traremos apenas a rede formada a partir de vínculos hierárquicos cujos fluxos são visivelmente mensurados.

Assim, percebe-se que cada parte do território paranaense teve sucessivas fases de ocupação, compondo um cenário heterogêneo, criando sua própria rede urbana, "um produto e uma condição social historicamente construída" (CORRÊA, 1989, p. 8). Todavia, a rede urbana do Paraná Tradicional, e consequentemente a de Guarapuava, possui heranças históricas no tocante a sua forma, e até mesmo algumas funções que reforçam a centralidade em Guarapuava. Deste modo, abordaremos a relação entre a gênese e a atual configuração desta rede.

O Paraná Tradicional: histórico de ocupação e formação da rede de cidades

De 1554 até a década de 1960, aconteceu a ocupação do território paranaense na sua metade sul. Essa ocupação aconteceu em vários períodos, com diferença entre duas partes que são o Paraná Tradicional e o Paraná Oeste/Sudoeste, sendo o primeiro a parte mais antiga do estado, e o segundo mais recente.

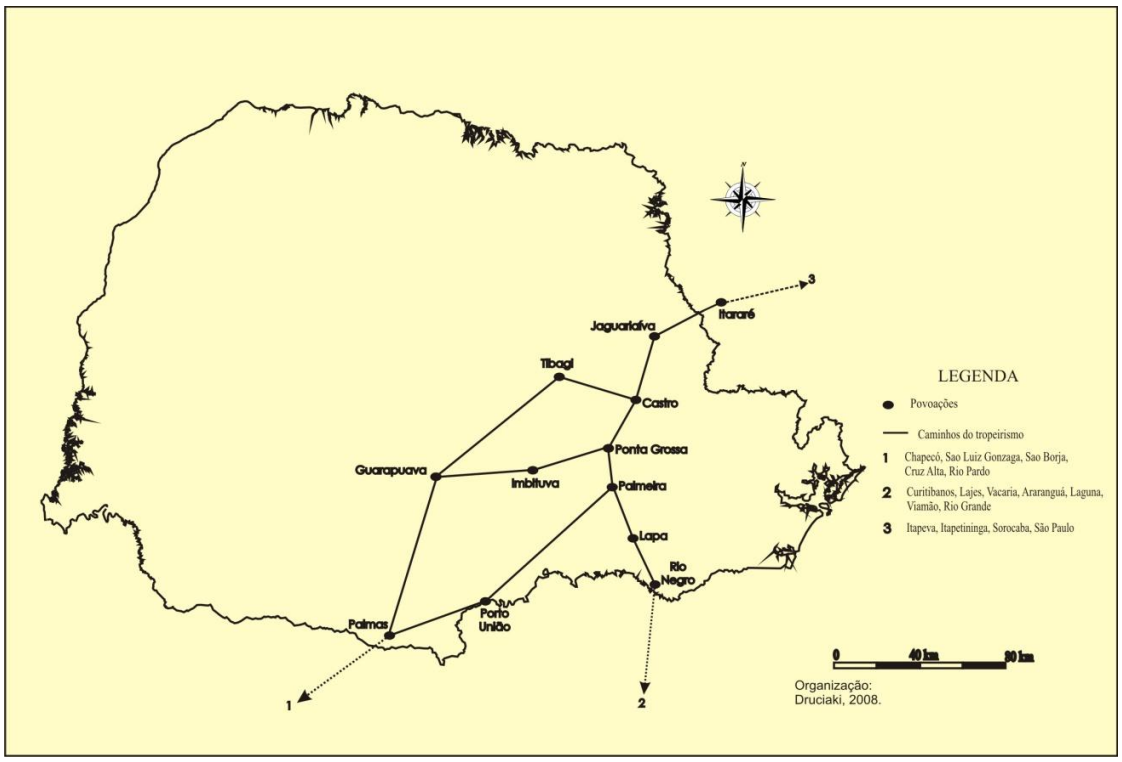
Inicialmente, a ocupação do Paraná Tradicional, bem como do estado aconteceu do litoral ao centro, calcado no extrativismo e na sociedade campeira, tendo vários ciclos econômicos como o do ouro, da pecuária, da erva mate e da madeira. Os primeiros registros de ocupação territorial datam por volta de 1554 na região litorânea, e quase um século depois (1648), foi fundada a primeira cidade paranaense: Paranaguá. Tal ocupação, segundo Padis (2006), foi movida principalmente pelo aspecto econômico, propiciando assim o estabelecimento dos aglomerados. Consequentemente surgiram as cidades, fato este expresso nas demais partes do estado.

Primeiro foi o ciclo do ouro, sendo que a busca por tal minério logo se estendeu até o planalto de Curitiba. No entanto, a produção do ouro em território paranaense não obteve sucesso, e consequentemente surgiu a necessidade de instalar uma economia na região que viesse a complementar a atividade mineradora de outros centros como Minas Gerais, surgindo assim a pecuária (SILVA, 1995).

Dessa forma, a pecuária surgiu como uma alternativa em meio à frustrada tentativa da exploração do ouro, sendo que dessa forma houve uma expansão em direção à região que passaria a se chamar Campos Gerais, compreendendo o espaço de Ponta Grossa, e consequentemente os campos de Guarapuava e Palmas. Surgiram neste contexto as primeiras nuclearizações/povoados campestres, com a criação da pecuária extensiva, pois a vegetação campestre propiciava isso. Assim, a ocupação do Paraná Tradicional em direção ao interior aconteceu de forma muito descontínua, pois uma vez que a criação de gado passava a ser a principal atividade econômica da época[3], as porções do território onde havia matas não eram de interesse de ocupação neste período.

[3] Cabe salientar que se trata de um período em que o Brasil ainda era império.

Os espaços campestres passaram a se integrar principalmente a partir do momento em que se inseriram na rota boiadeira[4], formando assim uma das primeiras morfologias de redes de cidades, conhecido como "rosário de cidades", como pode ser observado em mapa 2.



Mapa 1: Rosário de cidades tropeiras e a rota boiadeira.
Fonte: Padis, (2006, p.56).

Marcado principalmente pelas atividades de comércio e transporte de gado, assim foi constituída a chamada "sociedade campeira", terminologia que é empregada até a atualidade. As rotas de transportes nessa época caracterizavam-se pelos "caminhos", os quais se mantiveram até o começo do século XX em lugares como

[4] Este caminho interligava os fluxos do comércio de gado proveniente do Rio Grande do Sul em direção à Feira de Sorocaba em São Paulo, onde se realizava o comércio do mesmo, e sua posterior dispersão, sobretudo em direção à Minas Gerais para abastecer o ciclo do ouro. Surgiram nesta época algumas aglomerações que posteriormente tornaram-se cidades: Guarapuava, Palmas, Ponta Grossa. Essas cidades bem como outras, tornaram-se importantes nós de apoio na rota que passara a ter um significativo movimento, e ali iam estabelecendo-se os comércios e algumas funções específicas, que até então se tratavam da criação do gado, passando para função de invernagem do gado já criado provindo do sul.

Guarapuava, Prudentópolis e Foz do Iguaçu[5] (no extremo oeste).

A sociedade campeira foi se fragmentando devido ao declínio significativo que este segmento econômico tomou, até culminar numa crise. Essa crise resultou de vários fatores que contribuíram para a desintegração da economia local/regional. Primeiramente foi pelo fato de que tal atividade servia prioritariamente para atender o mercado externo, fazendo com que não fosse capaz de criar formas e alternativas que pudessem suportar períodos de crise. Isso aconteceu por volta do início do século XX, onde o Paraná já não tinha mais como competir com o estado de São Paulo que estava se integrando através das linhas de ferro e com mais condições de atender as demandas.

Concomitante a atividade tropeira no Paraná Tradicional, desenvolveram-se as atividades extrativas vegetais, sendo que a extração da erva mate foi por muito tempo uma atividade designada à população que ficava a margem do sistema tropeirista, ou seja, refere-se àqueles que não conseguiram através da posse da terra ter uma ascensão econômica e social, pois

> [...] os excedentes populacionais que não tiveram a oportunidade de participar diretamente da economia tropeirista abrigou-se na orla florestada que margeia os campos e passaram a praticar uma pequena agricultura e, mais ativamente na extração da erva-mate, sempre em condições de trabalho muito precárias, situação que acaba por piorar quando da fase da extração madeireira (RIBEIRO, 1989, p. 35-36).

Diante da crise tropeira, a economia ervateira ascendeu tornando-se um marcante ciclo econômico para o Paraná na segunda metade do século XIX. Sob um ponto de vista econômico, esta atividade teve importância também devido a articulação internacional que se fazia, exportando principalmente para região do prata, na Argentina, e para o Chile. No entanto, foi uma atividade que não teve uma longa duração. A maneira como se processava a atividade era de forma muito rudimentar para época, sem contar que o Paraná sofria seriamente com a questão de infraestrutura.

Cabe salientar que as vias de comunicação sempre influenciaram muito na organização e distribuição dos aglomerados urbanos em forma de rede. Percebe-se que a pouca quantidade, assim como a longa distancia entre esses pontos provinham da problemática das vias. O mesmo já não ocorreu, por exemplo, no norte do Paraná, em que no inicio do século XX as via férreas e terrestres precederão a ocupação dos

[5] Cabe salientar que Foz do Iguaçu, antes de se tornar colônia militar no início do século XX, era o fim da extensão territorial de Guarapuava. Já a região Oeste, da qual Foz do Iguaçu atualmente tem sua rede urbana atrelada foi ocupada a partir da década de 1930 na política de ocupação de fronteiras do Governo de Getulio Vargas.

aglomerados em algumas partes. Exemplo disso é o eixo de cidades projetadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná, tais como: Londrina, Cambé, Rolândia, Arapongas e Apucarana sucessivamente.

Iniciando o século XX, o país passou a se integrar através das estradas de ferro. Contudo, a descontinuidade entre os centros e os aglomerados, sobretudo no interior do Paraná, dificultava as relações econômicas. Este fato levou o governo do Estado a incentivar a abertura de algumas vias de acesso ligando o interior ao litoral para que pudesse escoar o que era produzido (PADIS, 2006). Importante destacar que, nessa época, o Paraná recebeu um grande contingente de imigrantes europeus no espaço do Paraná tradicional, sendo que esses ajudaram a melhorar as condições do transporte e escoamento da produção ervateira através das carroças[6] em Figura 1.

Figura1: Transporte da erva mate feito por carroças no início do século XX.
Fonte: Trabalho de campo, abril de 2011. Museu da erva mate, Campo Largo -PR.

As estradas para carroças eram uma alternativa que complementavam o limitado sistema ferroviário existente até então. Essas vias constituíam uma forma de atender á circulação de riquezas, já que o governo não apresentava condições de investimentos no prolongamento das vias ferras. Dessa maneira, as estradas de rodagem interligavam as zonas mais povoadas e as zonas produtoras às estradas ferroviárias, as quais passavam por Guarapuava, Palmeira, Lapa, Bocaiúva do Sul, Jacarezinho, Colônia Mineira e Vila do Piraí (RONCAGLIO, 1996).

[6] Cf. Barthelmess (1962, p.51)

Dado o declínio do ciclo ervateiro no estado, iniciou-se dentro do extrativismo o ciclo da madeira. Este segmento teve sua atividade estimulada principalmente após a Primeira Grande Guerra Mundial[7]. A madeira estimulou a ampliação da rede viária através de estradas, pois o escoamento deste produto já podia ser feito através de caminhões. No entanto, este fato não contribuiu para formação de cidades e da articulação entre elas, nem para seu dinamismo. Primeiramente, deve-se abordar a questão de que o estímulo por parte do governo da época para a expansão madeireira baseou-se no incentivo para a inserção do capital privado[8] internacional na exploração do produto.

Nesse sentido, houve uma pressão nos proprietários médios e pequenos, pois se viram obrigados a ceder suas reservas de pinho àqueles que exploravam a terra. Geralmente o procedimento consistia em adquirir grandes reservas de pinhos "em pé", ou seja, compravam todo o produto sem necessariamente ter que investir o capital nas terras. Dessa maneira, todo excedente produzido da indústria madeireira não ficava nas regiões em que se instalavam. Outro fato importante a colocar é que nesse período foram formadas várias aglomerações juntamente às serrarias, criando-se verdadeiras vilas com uma dinâmica interna própria, mas que não se integravam ao contexto regional[9].

A região de Guarapuava e do terceiro planalto constituiu um nítido exemplo de que a exploração extrativista aconteceu de forma predatória, tanto no ciclo ervateiro bem como no madeireiro. Isso é notável na medida em que os escritórios dessas unidades de produção não se concentravam ali, mas se encontravam nos campos gerais ou na capital do estado. O que era produzido não retornava na região de forma a promover um desenvolvimento da mesma. As relações socioeconômicas estabelecidas na região de Guarapuava até então não foram capazes de produzir uma consistente base produtiva, o que consequentemente implicou em alguns entraves para uma eficiente infraestrutura. Diante disso, não havia ainda uma rede urbana definida devido às

[7] Isso aconteceu porque no período dificultou-se a importação da madeira européia, valorizando assim a paranaense. Dentro dessa conjuntura, tem-se uma exploração da mão-de-obra dispensada pela crise do mate (SILVA, 1995).

[8] "Os grandes grupos econômicos que monopolizaram a industrialização e as cotas de exportação do produto eram principalmente argentinos e ingleses" (SILVA, 1955. p. 52).

[9] Cf. IPARDES, (1976, p.31).

características que o próprio sistema implantado impunha[10], uma vez que as vias de comunicação, e os serviços oferecidos em Guarapuava eram bastante limitados.

Em meados do século XX a sociedade campeira se encontrava em decadência, e o estado do Paraná iniciou uma nova fase de ocupação de seu território. Esta colonização foi incentivada para que se pudesse desenvolver uma agricultura voltada para a parte alimentícia, uma vez que este segmento agrícola nunca tinha sido impulsionado no espaço do Paraná Tradicional, e consequentemente no centro sul do estado, cuja região é configurada em torno de Guarapuava.

Diante um rearranjo estrutural das bases produtivas, foram inseridas técnicas novas de agricultura. Tal fato aconteceu na medida em que alguns filhos de fazendeiros iam para outras cidades para estudar e voltavam para empregar a formação adquirida, prolongando também a posse da terra através de herança (SILVA, 1995). No entanto, foi com os imigrantes que a agricultura ganhou uma nova característica e começou a ser explorada de forma mais intensa nas regiões até então pouco povoadas. Em Guarapuava, predominaram imigrantes suábios do rio Danúbio (origem alemã), onde formaram uma colônia com cinco aglomerados urbanos presentes até a atualidade.

A partir da década de 1950, iniciou-se mesmo que timidamente, o processo de modernização agrícola, fato que a partir da década de 1970 tomou maior dinamismo e impulso. Paralelamente a esse período, iniciou-se como foi explicitado, um processo de reocupação do território, sendo que centro sul a partir de Guarapuava se destacou pela grande mobilidade populacional que recebeu, embora em números absolutos não fosse a região mais receptora do estado (IPARDES, 2004). Essa reocupação do território foi marcada principalmente por estrangeiros germânicos e eslavos, por pessoas do próprio Paraná que já eram descendentes de europeus ou não, por gaúchos e catarinenses também de origem germânica e italiana, tendo até mesmo alguns japoneses.

Dessa forma, o processo de uso e ocupação da terra tomou outra natureza na medida em que cresceu a especulação fundiária, pois se tratou dum momento em que o solo rural teve uma significativa ascensão diante do crescimento agrícola. Isso fez com que pequenos proprietários e trabalhadores rurais não suportassem, em sua maioria, as

[10]Trata-se duma sociedade campeira-tradicional, patriarcal e latifundiária, calcada sobre bases econômicas estreitas e de baixo dinamismo com uma quase total ausência de vias de comunicação, que funcionou por um longo período como um mecanismo de entrave à integração viária da região com outras áreas mais dinâmicas do estado, freando a ocupação regional em larga escala e mantendo escassa sua população (IPARDES. *Leituras Regionais*: Mesorregião Centro-Sul Paranaense. Curitiba, 2004. p. 23)

pressões impostas pelo novo sistema produtivo, tendo que ceder seu espaço para aqueles que tinham o poder e todos os aparatos aptos à nova realidade, o que culminou na concentração fundiária. Tem-se assim uma reorganização do espaço regional, onde aqueles que ficaram a margem do novo processo migraram em direção às cidades, ocasionando um fenômeno que não diz respeito somente à realidade regional, mas sim a escala nacional, inserindo-se assim na conjuntura socioeconômica que o país passou na década de 1970 com o êxodo rural.

Diante dessa realidade, o capital começou a circular de forma distinta devido ao fato da mudança gradativa que as relações entre campo e cidade foram tomando em sua natureza. As cidades se firmaram no cenário regional e estadual com seus múltiplos papéis, pelo significativo crescimento populacional. Como consequência a elevação dos índices de urbanização se tornaram uma constante.

As cidades maiores sofreram um forte impacto dessas mudanças produtivas, e se inseriram de forma mais efetiva na rede de cidades que aos poucos foi se ampliando, estabelecendo assim uma hierarquização nítida na configuração espacial da rede urbana do Paraná Tradicional. Mas se tratando do contexto de Guarapuava no Paraná Tradicional, não houve um crescimento urbano com larga escala em várias cidades de sua região de influencia, mesmo que posteriormente (década de 1990), tivesse ocorrido a emancipação de vários distritos pertencentes a esta cidade, bem como a outras.

Assim sendo, o resgate histórico de ocupação e atividade econômica reúnem elementos que contribuirão no entendimento da atual configuração da rede urbana, cujo aspecto atual apresenta certa viscosidade, como bem coloca Santos (1999). Segundo Ipardes (2006), O centro sul paranaense, a partir de Guarapuava é caracterizado como a região socialmente crítica, fato este a ser explorado mais adiante.

Paraná Tradicional e a rede urbana paranaense

Diante dos aspectos que compõem o Paraná Tradicional, a partir de Guarapuava, ou simplesmente no restante do estado, existem características em comum a serem consideradas em todo território se tomarmos o viés da relação entre as cidades. Diferente do que ocorreu até meados do século XX, as cidades que compõem o Paraná Tradicional, bem como as outras partes (Norte e Oeste), se inserem de uma forma ou de outra na região de influência de Curitiba, ou seja, formam um grande espaço reticulado

em rede onde a capital do estado se encontra a frente do processo. Assim cada cidade ou região apresentam distintos níveis de dependência com Curitiba.

Nesse sentido, cabe inicialmente salientarmos algumas questões para que seja possível atrelarmos o contexto histórico ao atual, tendo como elemento central a rede urbana.

A terminologia "Região de Influencia" se refere ao espaço em torno de um centro urbano composto por centros menores que recebem influencia e que são dependentes do centro urbano principal no que tange aos papeis que o mesmo desempenha com suas funções. Este fato não significa que em todos os tipos de serviços as cidades dependam de Curitiba, mas sim de que possuem vinculações com a mesma, sejam institucionais por ser a capital do estado, sejam por relações econômicas no segmento industrial, ou na prestação de serviços, sobretudo os mais especializados. Sem segundo lugar, é a terminologia utilizada por Região (2008), para identificar a espacialidade das diferentes complexidades contidas nas tipologias de rede urbana.

As cidades de Maringá e Londrina que comandam a rede urbana do norte paranaense, por exemplo, participam da região de influência de Curitiba. No entanto, esses centros dispõem de funções que os permitem comandar uma grande área sem depender de Curitiba. Isso decorre porque no processo de ocupação do território desses centros urbanos, bem como de sua região, sempre existiram laços mais intensos no que diz respeito a interações espaciais com o estado de São Paulo. Em contrapartida, tal realidade não ocorre no Paraná Tradicional, pois mesmo na atualidade, o Paraná Tradicional é muito vinculado e dependente de Curitiba.

Os vínculos e dependência de uma cidade em relação a outra definem uma região de influencia, criando assim espacialidades onde a disposição das cidades no espaço e suas interações configuram uma rede urbana. Com o intuito de mapear e entender a rede urbana brasileira, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE lançou em 2008, o "Região de Influencia das Cidades"-Regic. Apesar de já completar cinco anos, trata-se do mais recente estudo sobre a rede urbana brasileira, pois os anteriores dessa natureza foram os Regic`s de 1978 e 1993.

No Brasil são 12 principais centros urbanos[11] que se caracterizam por seu grande porte e por fortes relacionamentos entre si. Além disso, tratam-se de centros que possuem geralmente uma extensão área de influência direta. No contexto das metrópoles, existem três subdivisões de acordo com a função e a posição na hierarquia dos centros urbanos. Em 1º lugar, tem-se a grande metrópole nacional, que somente a cidade de São Paulo se enquadra nessa categoria. Em 2º, são classificadas como Metrópole Nacional as cidades de Brasília e Rio de Janeiro, e, em 3º, são classificadas como Metrópole as cidades de: Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia e Porto Alegre.

Na escala paranaense, Curitiba e sua rede reúnem 8,8 % da população, 9,9 % do PIB nacional e sua abrangência atinge todo o estado do Paraná. Além disso, compartilha juntamente com Porto Alegre, a cidade de Florianópolis e muitas cidades do estado de Santa Catarina no contexto da região sul brasileira.

Compondo a rede de Curitiba, dentro e fora do Paraná, tem-se a seguinte caracterização: Florianópolis (Capital Regional A); Cascavel, Londrina, Maringá, Blumenau, Joinvile e Chapecó (Capital Regional B); e Ponta Grossa e Criciúma (Capital Regional C). Nesse sentido, compõem a rede também os centros sub-regionais A de: Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão, Toledo, Apucarana, Campo Mourão, Paranavaí, Guarapuava, Paranaguá, Pato Branco, Umuarama, Rio Sul, Caçador, Itajaí, Joaçaba, Lages e Tubarão. Também fazem parte os centros sub-regionais B de: Ivaiporã, Santo Antonio da Platina, Cianorte, União da Vitória, Concórdia, São Miguel do Oeste, Xanxerê, Araranguá, Videira, Balneário Camboriú e Mafra.

Diante disso, o estudo feito por Região (2008) é uma das principais fontes a qual nos reportamos para apontar as características atuais da rede urbana paranaense. Todavia, cabe salientar a existência de limitações no que tange a uma resposta da realidade, pois a despeito de apresentar uma série de variáveis importantes, mostra a rede enquanto estrutura hierárquica. Afinal, a rede enquanto um sistema aberto configura múltiplas escalas de atuação que superam a rígida morfologia hierárquica, ainda que nosso enfoque seja mais voltado a esse tipo de rede.

Quanto aos critérios adotados por REGIÃO (2008), para a caracterização da rede urbana, são dois: a centralidade e a área de influência. No que tange a centralidade,

[11] A tipologia adota pelo Regic ao classificar hierárquica da rede urbana brasileira foi da seguinte forma, começando do topo para a base: Grande Metrópole Nacional; Metrópole Nacional; Metrópole; Capital Regional A; Capital Regional B; Capital Regional C; Centro Sub-regional A; Centro Sub-Regional B; Centro de Zona A; Centro de Zona B e Centro local.

os critérios são os de gestão do território, sejam eles institucionais de governança, seja a gestão exercida através das empresas. No que diz respeito à área de influência, os critérios são em torno da oferta de prestação de serviços em todos os segmentos.

Outros estudos já elaborados também contribuem para o entendimento da rede urbana como IPEA et al, (1999). Nesse estudo, as centralidades são expressadas de forma circunscritas aos recortes mesorregionais e microrregionais. O mesmo acontece com estudos que dizem respeito somente ao estado do Paraná, a exemplo do diagnóstico do IPARDES, (2006), intitulado "Vários Paranás", e também das várias obras sobre cada mesorregião paranaense intitulada de "Leituras Regionais".

A cidade de Guarapuava sob a ótica da rede urbana no contexto do Paraná Tradicional

Primeiramente, devemos entender de modo geral, o papel de Guarapuava no contexto da rede urbana paranaense. Nesse sentido, compõe a grande rede urbana comandada por Curitiba. Nesse contexto, Guarapuava acaba que sendo um "subsistema urbano" por estar estritamente vinculado a influência da Capital. Reitera-se essa assertiva por possuir uma rede urbana viscosa (SANTOS e SILVEIRA, 2001), com baixa intensidade quanto aos fluxos e a quantidade de cidades na rede que distam muito umas as outras.

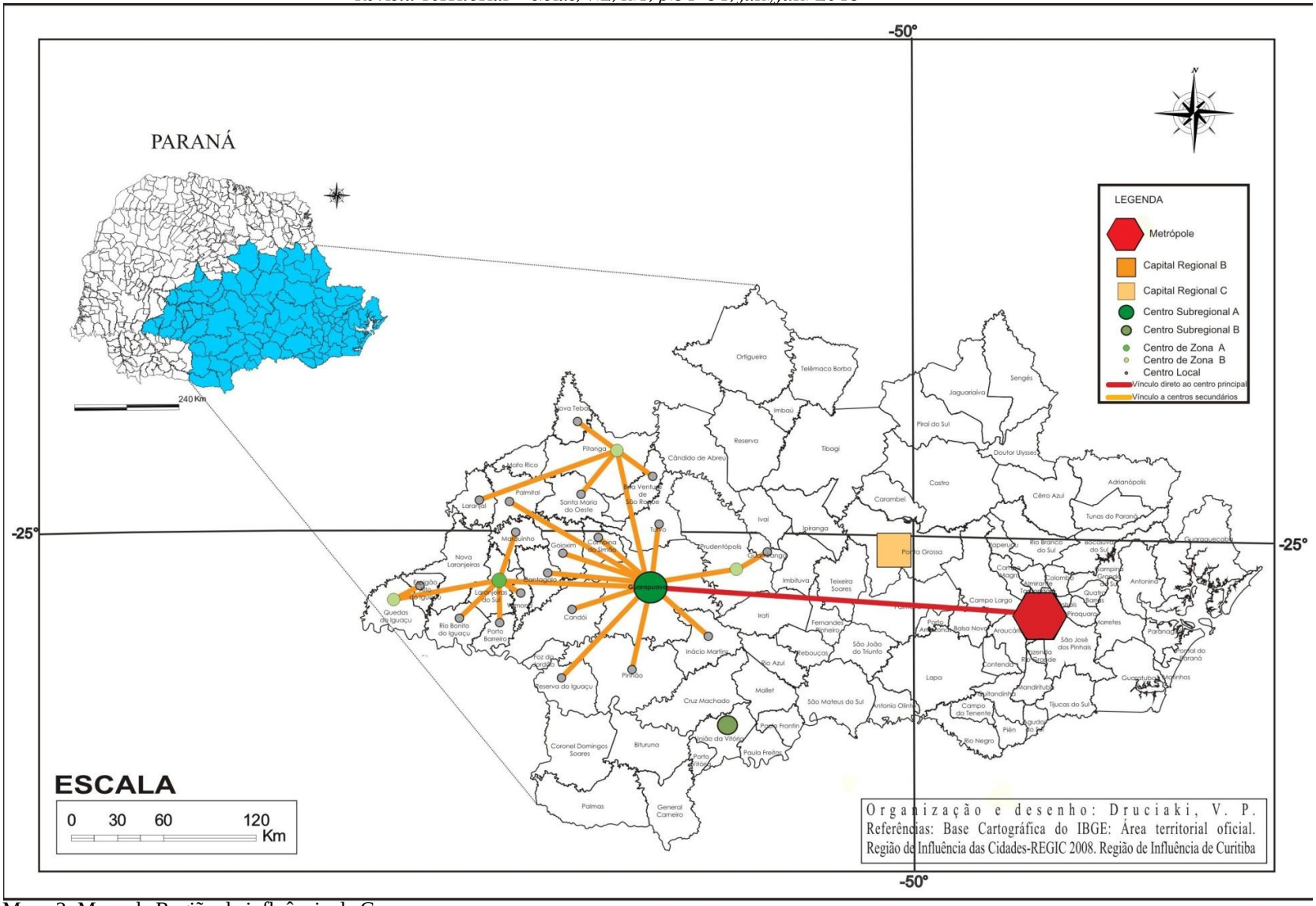
Diferente dos outros centros regionais do Paraná Tradicional, como Ponta Grossa e Curitiba, Guarapuava tem pouca expressão no que diz respeito à sua área de influência, bem como suas conexões externas. Trata-se da única cidade com a classificação de Centro Sub-Regional A no centro-sul paranaense, contendo em sua rede 1 Centro de Zona A[12], 3 Centros de Zona B, e 19 Centros Locais, como pode ser visto no Mapa 2. Guarapuava se insere num espaço marcado pelo lento processo de urbanização, cuja trajetória foi menor que a do estado do Paraná. Segundo o Ipardes (2006), o Paraná adentrou os anos 1980 com mais da metade de sua população vivendo em áreas urbanas. Em relação ao Centro Sul e Guarapuava, esse fato só ocorreu a partir da década de 1990, em virtude da tardia modernização agrícola ocorrida na região.

[12] Trata-se da cidade de Laranjeiras do Sul, que compartilha vínculos com Guarapuava e também com Cascavel.

Nesse sentido, Guarapuava mantém um nível de centralidade muito forte apenas sobre as cidades de seu entorno, sobretudo aquelas mais próximas, como é mostrado no mapa 2.

Dos centros de zonas contidos na rede de Guarapuava, Laranjeiras do Sul é o mais expressivo pelo fato de compartilhar a rede com Cascavel e dessa forma não possui um vínculo intenso com Guarapuava. Esta cidade possui algumas sedes regionais próprias, como Núcleo Regional de Educação e fórum, e recentemente tem tentado consolidar um centro de educação superior através de um campus da Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS, e um *campus*-extensão da Universidade Estadual do Centro Oeste-Unicentro.

Já a cidade de Pitanga, Centro de Zona B, tem um grau de centralidade caracterizado muito fraco, mas que polariza algumas cidades (IPARDES, 2006). O que contribui para a condição de pequeno centro é a presença de um *campus*-extensão da Unicentro e uma instituição de ensino superior particular, a Universidade do Centro do Paraná (UCP), a qual oferece alguns cursos de pós-graduação.



Mapa 2: Mapa da Região de influência de Guarapuava
Fonte: REGIC, 2008.

A cidade de Prudentópolis por sua vez, apresenta poucos papéis, cuja renda vive da agricultura e compartilha seus vínculos com Ponta Grossa e Iratí, polarizando apenas Guamiranga. O mesmo acontece com Quedas do Iguaçu, que polariza apenas o município de Alto Espigão do Iguaçu.

Em suma, Guarapuava apresenta uma rede totalmente dependente de Curitiba para muitos tipos de prestação de bens e serviços mais especializados, como na área de saúde por exemplo. A relativa proximidade da capital contribui em muitos aspectos para esse vínculo.

Se considerarmos alem da rede de Guarapuava, o centro mais próximo que exerce influência sobre a mesma é Ponta Grossa. Na caracterização feita por REGIÃO (2008), Guarapuava não se insere na rede de Ponta Grossa no que tange aos vínculos, mas verifica-se a busca por algum tipo de serviço. Uma das variáveis que revelam isso são os fluxos de passageiros do transporte intermunicipal feito por ônibus, como foi estudado em Druciaki (2006). Ao estudar a Geografia da circulação e os fluxos de passageiros a partir de Guarapuava em relação à Ponta Grossa, Cascavel, Maringá, Londrina, Campo Mourão e Foz do Iguaçu, a primeira cidade foi a que teve o fluxo mais intenso, com uma média de 1400 passageiros ida/volta por mês. Números parecidos com pouca variação verifica-se também em Departamento de Estradas e Rodagem do Paraná (2008, 2010).

A busca por serviços e outras necessidades a partir de Guarapuava em relação a outros centros, pode ser percebida nos vetores formados primeiramente em direção a leste e depois a oeste, estando ambas as direções na Rodovia BR 277, a qual corta o Paraná nos seus extremos leste-oeste. Dessa forma, uma conexão em um vetor norte-sul a partir de Guarapuava é algo tímido, como foi verificado em outros estudos como Druciaki (2009), e Ipardes (2006).

Das cidades que estão diretamente ligadas a Guarapuava na dinâmica da rede urbana, Turvo e Prudentópolis apresentam mais intensidade, embora estejamos nesse caso utilizando como variável o fluxo de passageiros feito por ônibus. Nesses casos são as únicas cidades que dispõem do serviço de transporte metropolitano[13], muito

[13] Serviço de transporte intermunicipal com características urbanas. Isento de Pis e Cofins, tem como intuito atender a demanda urbano-regional oriunda das relações de trabalho, ou seja, do fluxo pendular. Desde 2004 existem essa categoria de linha a partir de Guarapuava, muito embora no estado do Paraná já existisse desde a década de 1980.

embora existam outras onde é urgente a necessidade da criação de linhas dessa natureza, a exemplo de Pinhão e Cantagalo.

Algumas considerações sobre o Paraná Tradicional na rede urbana paranaense

Da proposta de Padis (2006), nota-se que algumas características se conservaram até hoje, como por exemplo, a relação entre as cidades desses espaços mencionados, o que pode ser observado na rede urbana atual. No entanto, muitas mudanças ocorreram, alterando a natureza das relações e das vinculações de um centro com outro, ou com sua região de influência.

Embora se preservem muitas características, encontramos uma rede urbana onde a capital do estado, Curitiba, tem a primazia sobre todo o território, mas que também existem pelo menos três sistemas urbanos com uma significativa região de influência[14], que são as redes urbanas de Cascavel, Maringá e Londrina (REGIÃO, 2008). Esses centros que comandam tais redes concentram muitas cidades, sendo que Londrina e Maringá, por exemplo, comandam juntas 179 dos 399 municípios no Paraná. O que se percebe, também, é que embora seja grande a região de influência de cada rede, nem todas são articuladas entre si, a exemplo da rede urbana de Guarapuava, no Centro-Sul do estado que possui ligações inexpressivas com o norte paranaense.

A história de formação do território paranaense contribuiu muito para o Paraná que temos hoje. No Paraná Tradicional percebe-se que os vínculos econômicos, políticos e até mesmo culturais foram se estabelecendo em épocas diferentes, mas constituiu-se uma parte territorial com características muito fortes que difere da dinâmica das outras partes do Estado. Enquanto essas partes se firmaram em torno de uma cidade que comanda uma rede urbana regional, as cidades do Paraná tradicional continuaram vinculados de forma muito dependente a capital do Estado. Cabe ressalvar aqui nesse contexto que Ponta Grossa se despontou enquanto nó na rede de interligação dos fluxos provenientes do norte, centro e oeste em direção a Curitiba. Mesmo assim, possui relações muito forte na rede com Curitiba, como apontou (REGIC, 2008).

Verificou-se também nesse estudo, que as vias de transporte constituíram um importante elemento estruturador do espaço, delineando a morfologia da rede

[14] Trata-se da hinterlândia das cidades no que tange a centralidade expressada a partir de prestações de bens e serviços e relações institucionais.

urbana. Formou-se uma rede urbana que foi possível através de uma rede de transporte. Embora as técnicas tenham evoluído, o traçado inicial das rotas entre as cidades permaneceu quase que o mesmo, como pode ser observado em Roncaglio, (1999).

Assim, o transporte na forma de rede técnica e a rede urbana, se materializem de forma distinta no espaço mas se relacionam, e uma influencia (e não determina) muitas vezes na configuração da outra. Sem essa modalidade de integração não haveria a rede urbana, pois é o elemento que permite a integração e o acesso para a busca de muitos tipos e serviços no âmbito da rede urbana. O transporte é um elemento estruturador do espaço, e foi ao longo da historia um condicionante para o progresso e desenvolvimento dos aglomerados (FERRAZ, 2004).

Nesse sentido, este artigo teve como intuito buscar na gênese e no processo de formação do espaço paranaense, em especial a parte mais antiga que é o Paraná Tradicional, alguns elementos que contribuam para entender o Paraná atual, o qual mesmo diante da técnica e da informação do presente, apresenta-se como um estado relativamente fragmentado e desarticulado[15].

Referências

CORRÊA, Roberto. **A rede urbana.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E. et al. (Org.). **Explorações geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DEPARTAMENTO DE ESTRADAS E RODAGEM DO PARANÁ. **Relatório movimento de passageiros por localidade:** Guarapuava – Londrina, Campo Mourão, Foz do Iguaçu, Cascavel e Ponta Grossa. Curitiba, 2008.

_____. **Relatório movimento de passageiros por localidade:** Guarapuava – Londrina, Campo Mourão, Foz do Iguaçu, Cascavel e Ponta Grossa. Curitiba, 2010.

DRUCIAKI, V.P. **As (des) articulações de Guarapuava com Maringá e Londrina**: Uma análise a partir da rede de transporte rodoviário de passageiros. 2009. 230 f.

[15] Ao fazer a menção de um espaço fragmentado e desarticulado, nos referimos a ausência de relações e interações espaciais entre algumas partes do Estado, ou a pouca articulação e fluidez, sobretudo na rede de transporte (fixos e fluxos). A pouca fluidez limita a articulação, interferindo na acessibilidade (DRUCIAKI, 2009).

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

FERRAZ, A. C. P.; TORRES, I. G. E. **Transporte público urbano**. São Carlos: Rima, 2004.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL-IPARDES. **Posse e uso da terra no Paraná.** Curitiba, 1976.

_____. **Os vários Paranás**: identificação de espacialidades socioeconômico-institucionais como subsídio ao plano de desenvolvimento regional. Curitiba: IPARDES, 2006. 90p.

_____. **Leituras regionais**: mesorregião centro-sul paranaense. Curitiba, 2004. 123 p.

IPEA, et al. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil**. Brasília: IPEA; Rio de Janeiro: IBGE; Campinas: UNICAMP/IE/NESUR, 1999. 2v. (Coleção pesquisas, 3).

OFFNER, J. M. Territorial deregulation: local authorities at risk from technical networks. **International Journal of urban and regional research,** London, v. 24, p.165-182, Mar., 2000.

PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica:** o caso paranaense. Curitiba. 2. ed. Ipardes, 2006. (Coleção clássicos da economia e sociedade paranaense).

REGIÃO de Influência das Cidades 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. (CD-ROM).

RIBEIRO, A G. As transformações da sociedade e os recursos da natureza na região de Palmas e Guarapuava. **Boletim de Geografia**, Maringá, ano 07, n. 01, p. 49, 1989.

RONCAGLIO, C. **Das estradas às rodovias**: meio século do rodoviarismo do Paraná. Curitiba: DER: DEAP, 1996.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.

SILVA, J. M. **Valorização fundiária e expansão urbana recente de Guarapuava-PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis,1995.

Recebido para publicação em agosto de 2013

Aprovado para publicação em setembro de 2013